

---

- **SEMÂNTICA I**

Coordenador(a): *Mário Eduardo Viaro*

---

**A AMBIGÜIDADE DA ESTRUTURA DE EVENTOS DO LÉXICO GERATIVO**

*Magdiel Medeiros Aragão Neto (UFSC)*

O Léxico Gerativo é uma das teorias de semântica lexical que receberam grande destaque na última década. Tal destaque se deve sobretudo ao objetivo ousado de dar conta da polissemia

lógica em novos contextos. Para atingir tal objetivo, Pustejovsky (1995) propõe uma abordagem integrada entre as componentes semântica e sintática. Essa integração ocorre especificamente na estrutura de qualia, que organiza informações oriundas da estrutura de eventos - de caráter semântico - e da estrutura de argumentos (EA). Nossa análise enfoca esta última, pois, segundo a classificação que Pustejovsky (1995) faz dos argumentos, trata-se de uma estrutura sintática; contudo, quando aplicada a nomes, acaba por ser um repositório de sentidos. Se tomarmos como exemplo João comeu o bolo, a EA para comer vai solicitar dois argumentos verdadeiros, no caso João e o bolo; no entanto, a EA de bolo terá apenas informações semânticas: um argumento verdadeiro alimento e um argumento default massa. Vê-se então que não há informação sintática alguma sobre a necessidade ou não de um especificador para o item lexical bolo. Assim sendo, fica-se com a questão de até que ponto a EA dos nomes é diferente dos modelos SELs (Sense Enumeration Lexicon) que aquele autor classifica como teorias elementares de sentido. Apresentamos, por fim, uma proposta para que a EA não tenha esse uso ambíguo.

## **NOTAS SOBRE A EXPRESSÃO PROSÓDICA DO CANCELAMENTO DE PRESSUPOSIÇÃO NO PB**

*Ana Luzia Dias Pereira (UFSC)*

Observe as seguintes situações discursivas:

Situação discursiva (1): Pedro é casado. Ele está com sua esposa em um restaurante. Sua amante, amiga do casal, está junto. Em meio ao jantar, a amante diz: "Foi legal aquele dia que a gente ficou na sua casa, né?" Irritado, Pedro responde: "QUE DIA?!" Imediatamente a amante muda de assunto.

Situação discursiva (2): Pedro é casado. Ele está com sua amante em um restaurante. Em meio ao jantar, a amante diz: "Foi legal aquele dia que a gente ficou na sua casa, né?" Carinhoso, Pedro responde: "Que dia? Aquele quando faltou luz?" Pedro e sua amante continuam a conversa lembrando os bons momentos que tiveram naquele dia.

Nesta exposição demonstraremos que alguns sintagmas do tipo Que N, fonologicamente realizados nas situações acima descritas como /que vez/, apresentam configurações prosódicas diferenciadas. As diferenças de contorno prosódicos veiculadas por estes sintagmas em (1) e em (2) correspondem a duas realidades semânticas distintas, já que somente em (1) ocorre cancelamento do pressuposto acarretado pelo enunciado "Foi legal aquele dia que a gente ficou na sua casa, né?". Para tal demonstração, desenvolvemos uma análise baseada em preceitos teóricos advogados pela Semântica Dinâmica (Chierchia, 1995;2003 e Chierchia & McConnell-Ginet, 1996) e pela Fonética Acústica (Laver, 1994; Nooteboom, 1997; Scarpa, 1999), seguindo direcionamentos metodológicos desenvolvidos por Burton (2003).

## **OS SINTAGMAS GRADATIVOS NAS LÍTOTES**

*Marcos Lopes (USP)*

A lítotes representa uma forma padronizada de sintagma gradativo, freqüentemente organizada em torno de um adjetivo gradual que modifica um nome próprio. Seu caso é interessante porque pode servir de fundamento a teorias polares e escalares dos adjetivos, como a de Kennedy (2000), pois sua interpretação se faz pela inversão polar dos adjetivos ("forte" por "fraco", "fácil" por "difícil", etc.) e, algumas vezes, por uma alteração dos intervalos dos graus escalares, responsável pela intensificação do adjetivo. A formação das lítotes consiste em negar a pertinência de um elemento a um conjunto cuja intensão é contrária àquela que se quer afirmar.

A interpretação da sentença conotada exige sua transformação em outra sentença, não conotada:

(1) Pedro não é o mais corajoso dos homens (2) Pedro é um medroso

(3) Bill Gates não é um pobretão (4) Bill Gates é muito rico

(5) Hoje não está frio (6) Hoje faz um calor infernal

Sem a percepção dessa necessidade de se transformar uma sentença em outra, a sentença conotada não seria percebida como tal. Esse parece ser o caso de qualquer formação figurativa. Se, por exemplo, tomarmos a expressão metafórica "pagar o pato" em seu sentido denotativo, não precisaremos interpretá-la com outra sentença, mas simplesmente concebê-la como descritiva.

A lítotes tem como particularidade semântica o fato de que as duas sentenças que lhe são associadas (tanto a conotada quanto a resultante da interpretação) são sempre verdadeiras, com a condição de que a segunda seja tomada por premissa e a primeira, manifesta, por conclusão. Assim, se (2) é verdadeira, (1) também é; portanto, (2) acarreta (1). Como consequência, a verdade da primeira sentença se apresenta com mais evidência do que a da segunda. Numa situação em que poderia haver discussão sobre a aplicabilidade de (6), certamente não haveria discordância sobre (5).

### **PROBLEMAS DE MORFOLOGIA E SEMÂNTICA HISTÓRICA DO SUFIXO -EIRO**

*Mário Eduardo Viaro (USP)*

A formação de palavras sempre foi um estudo paradoxal dentro dos estudos sincrônicos: se uma palavra é gerada a partir de uma base, como imaginar que não haja um intervalo de tempo entre palavra-base e derivada? Nem no estudo das RAE (regras de análise estrutural), nem no das RFP (regras de formação de palavras) se apresentam explicações de cunho histórico. Por outro lado, os dados históricos contrariam muitos dos resultados obtidos por uma "intuição do falante nativo": assim colação, do latim *collatio*, é anterior a colar, da mesma que coação (lat. *coactio*) precede coagir e recobrar (lat. *recuperare*) é mais antigo do que cobrar. Uma vez que as ciências nascem ou do estudo dos dados ou por meio de soluções apriorísticas plenamente aplicáveis, vemos que os estudos de formação de palavras não se encaixam nem na primeira postura científica, a saber, a indutiva nem na segunda, dedutiva, antes, pelo contrário, são evadidos de dogmatismos cômodos como a regra que reza que substantivos abstratos derivam necessariamente dos infinitivos. Aliás, nem nos estudos sobre cognição nem nos sobre aquisição de linguagem, os infinitivos não são as formas mais primitivas do verbo (antes os pretéritos perfeitos ou os imperativos). Do ponto de vista da morfologia e da semântica, serão estudados os problemas que se colocam para o sufixo *-arius* do latim e seu derivado mais produtivo, o sufixo *-eiro*.

### **SEMÂNTICA DE CONDICIONAIS: PREVISÃO E PRESSUPOSIÇÃO**

*Maria Leonor Maia dos Santos (UFSC)*

Opondo-se à difundida maneira de classificar as estruturas condicionais em contrafactuais e não-contrafactuais, V. H. Dudman, numa série de artigos já antiga (por exemplo, Dudman 1985, 1986, 2000, e outros) propôs que os condicionais fossem estudados segundo outra tipologia, que incluía a distinção entre as deduções e as previsões (ou julgamentos). Assim, "Se este fazendeiro não matar a missionária, outro fazendeiro vai matá-la" pode ser considerado um condicional do mesmo tipo de "Se este fazendeiro não tivesse matado a missionária, outro fazendeiro a teria matado", e não do tipo de "Se este fazendeiro não matou a missionária, outro fazendeiro a matou". Na proposta de Dudman, os exemplos deste último tipo têm a forma de uma dedução, e os anteriores são previsões. As marcas lingüísticas que nos permitem distinguir os tipos são uma certa seqüência temporal, dada pelas formas verbais nas duas estruturas oracionais internas à estrutura condicional; e a independência - ou não - das partes componentes do condicional. Considerando que tem sido amplamente estudado o fato de que os condicionais, realmente, não

funcionam sempre como deduções, formulamos a hipótese de que os critérios usados por Dudman para fazer o contraste entre as previsões e as deduções são insuficientes, e através da análise de exemplos chegamos à conclusão que a diferença pretendida reside na presença de pressupostos - que ele não analisa. Podemos então dizer que, ao menos em alguns exemplos, é a existência ou não de certos pressupostos o que permite que os condicionais sejam vistos como deduções ou como previsões.

## **SINGULAR NU NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E SUA RELAÇÃO ANAFÓRICA**

*Fabiana Andrade Santolin (UFSC)*

O presente trabalho tem por objetivo discutir as ocorrências e comportamentos sintático e semântico dos nominais nus singulares (NNS), contáveis e de massa, no português brasileiro, em contextos genéricos e existenciais, retomados anaforicamente por um pronome. Discutir os julgamentos de aceitabilidade de sentenças com NNS, dadas às discrepâncias de avaliação de alguns autores. E apresentar resumidamente a proposta de Cristina Schmitt (1999) que dentre outros pontos considera os NNS como DPs e de Ana Müller que considera, por sua vez, os singulares como NPs e esses sendo todos de massa.

## **UM ESTUDO ARGUMENTATIVO DA PALAVRA TAMBÉM**

*Adilson Ventura da Silva (UNICAMP)*

Procuramos neste trabalho desenvolver um estudo argumentativo da palavra também. Para tanto, nos situaremos dentro de uma perspectiva semântica que privilegia os estudos argumentativos, utilizando as teorias desenvolvidas neste campo por Ducrot e por C. Vogt.

Como corpus para este trabalho, não iremos verificar como esta palavra se comporta em diferentes enunciados e sim produzir uma reflexão sobre o uso específico desta palavra no enunciado: "Região Central está entupida de gente, e de ladrões também". Enunciado este que é manchete do Diário do Povo de Campinas do dia 11 de dezembro de 2004. Partindo deste estudo, poderemos verificar um outro problema que também aparece neste enunciado, que é o problema relativo ao modo de designação dos nomes gente e ladrão. Para esta reflexão nos situaremos na perspectiva da Semântica do Acontecimento, notadamente a desenvolvida por E. Guimarães.

Com as hipóteses que levantaremos poderemos entender melhor o possível funcionamento argumentativo da palavra também e, devido a especificidade deste enunciado, poderemos também observar o funcionamento da designação.